aurum
Revista Multidisciplinar

ISSN: 3085-7783

AS MULTIFACETAS DA CULTURA POP: MEDIAÇÕES CULTURAIS, SUBJETIVAÇÃO E RESISTÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

THE MULTIFACETS OF POP CULTURE: CULTURAL MEDIATIONS, SUBJECTIFICATION, AND RESISTANCE IN CONTEMPORANEITY

https://doi.org/10.63330/armv2n10-011

Submetido em: 23/10/2026 e Publicado em: 29/10/2026

ARM: e262526

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

Silvia Clicia Corrêa dos Santos de Paula
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

Resumo

O presente artigo analisa as multifacetas da Cultura Pop na contemporaneidade, investigando seu papel como dispositivo de mediação cultural, produção de subjetividades e arena de tensionamentos disputas hegemônicas. Partindo da premissa de que os artefatos da cultura de massa (cinema, plataformas digitais, quadrinhos e narrativas audiovisuais) preparassem o mero entretenimento passivo para projetarem e constituírem currículos culturais altamente persuasivos, o estudo problematiza a tensão dialética entre a cooptação mercadológica da diferença e seu potencial de resistência política. A fundamentação teórica orienta-se por um denso diálogo crítico entre referenciais contemporâneos da filosofia da cultura, da antropologia da comunicação e da teoria crítica: Michel Foucault, Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han, Guy Debord, Gilles Deleuze, Paula Sibilia, Walter Benjamin, Vilém Flusser e Slavoj Žižek. Organizado em seções temáticas aprofundadas, o trabalho examina como o acolhimento crítico da Cultura Pop pode desarmar dispositivos de normalização e edificar subjetividades dissidentes e autônomas. Conclui-se que a cultura de massa contemporânea constitui um contexto contingente de disputa, no qual a crítica à indústria cultural deve ser mediada pelo resgate do valor político da contranarrativa, da desobediência algorítmica e da alteridade de forma contínua.

Palavras-chave: Cultura Pop; Espetacularização; Indústria Cultural; Subjetivação; Teoria Crítica Contemporânea.

Abstract

This article analyzes the multifacets of Pop Culture in contemporaneity, investigating its role as a device for cultural mediation, production of subjectivities, and an arena for hegemonic disputes. Based on the premise that mass culture artifacts (cinema, digital platforms, comic books, and audiovisual narratives) go beyond mere passive entertainment to constitute highly persuasive cultural curricula, the study problematizes the dialectical tension between the market co-optation of difference and its potential for political resistance. The theoretical framework is guided by a dense critical dialogue among contemporary references in philosophy of culture, media anthropology, and critical theory: Michel Foucault, Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han, Guy Debord, Gilles Deleuze, Paula Sibilia, Walter Benjamin, Vilém Flusser, and Slavoj Žižek. Organized into in-depth thematic sections, the work examines how the critical embrace of Pop Culture can dismantle normalization devices and build dissident and autonomous subjectivities. It concludes that contemporary mass culture constitutes a contingent terrain of struggle, in which the critique of the cultural industry must be mediated by restoring the political value of counter-narrative, algorithmic disobedience, and alterity.

Keywords: Contemporary Critical Theory; Cultural Industry; Pop Culture; Spectacularization; Subjectification.

1 INTRODUÇÃO

O cenário socio-histórico e educacional contemporâneo encontra-se profundamente contido por reconfigurações estruturais na ecologia comunicacional, na distribuição dos saberes e na produção dos modos de existência. O monopólio histórico das instituições tradicionais de escolarização e socialização como a escola de matriz cartesiana, a igreja ou o núcleo familiar clássico como instâncias exclusivas de formação moral e intelectual cedeu espaço a uma complexa, acelerada e ubíqua teia de artefatos midiáticos, linguagens visuais e narrativas digitais que usurpam o imaginário social. Dentre essas manifestações, a Cultura Pop, longe de configurar-se como um mero passatempo inofensivo ou mercadoria alienante de um consumo flash, operacionaliza como um autêntico e poderoso currículo cultural. Cinema de grande circulação, séries de transmissão contínua, produções de quadrinhos, jogos eletrônicos e plataformas virtuais interativas não apenas entretêm, mas modelam condutas, corporificam identidades, ditam gramáticas afetivas e veiculam representações densificadas sobre gênero, raça, sexualidade, classe e funcionalidade corporal.

A apreensão da Cultura Pop em suas múltiplas facetas exige, contudo, a superação de leituras maniqueístas ou reducionistas. Por um lado, a tradição teórica Frankfurtiana clássica, alertou para a capacidade da indústria cultural de mercantilizar a arte, reificar as consciências e padronizar o gosto sob a

lógica da reprodutibilidade técnica. Por outro lado, a emergência dos Estudos Culturais e das teorias pós-coloniais demonstrou que a cultura de massa contemporânea não é um monólito inerte de dominação, mas uma arena contingente e viva de tensionamentos e disputas por hegemonia discursiva. É justamente nessa interseção tensionada que a análise filosófica e sociológica da cultura encontra um dos seus campos de investigação mais urgentes e férteis: compreender em que medida as produções massivas contemporâneas reproduzem as estruturas de opressão e assujeitamento ou, ao contrário, oferecem brechas e fissuras para a emergência de contranarrativas, processos de subjetivação autônoma e práticas de resistência.

No contexto das sociedades conectadas potencialmente e marcadas por mutações nas formas de exercício do poder, a cultura visual converteu-se na principal linguagem por meio da qual as incongruências políticas são negociadas e corporificadas. As imagens que circulam nos ecossistemas digitais produzem regimes de verdade que definem quem é visível e quem deve permanecer na invisibilidade, quais corpos são dotados de valor existencial e quais são sumariamente empurrados para as margens da descartabilidade social. Essa dinâmica revela que o consumo cultural não é um ato neutro, mas uma práxis permeada por valorações éticas, estéticas e ideológicas. Nesse sentido, problematizar as representações da alteridade na Cultura Pop implica interrogar a própria arquitetura biopolítica e sociocultural que organiza a sociedade contemporânea - reflexão cara aos estudos recentes sobre a dignidade da diversidade humana nos ecossistemas virtuais (Klemz, 2025; 2023).

Para responder a essa exigência analítica com a densidade conceitual e o rigor epistemológico requeridos pela pesquisa acadêmica de excelência, o presente artigo edifica uma rigorosa fundamentação teórica pautada no diálogo transversal entre pensadores contemporâneos de relevância internacional. A investigação mobiliza a genealogia do poder e o conceito de "práticas de si" em Michel Foucault; a crítica à fluidez das relações e ao consumo da alteridade na modernidade líquida de Zygmunt Bauman; a diagnose sobre a autoexploração, a hiperculturalidade e a sociedade do desempenho em Byung-Chul Han; a crítica ao espetáculo em Guy Debord; a análise das sociedades de controle em Gilles Deleuze; a espetacularização da intimidade e o corpo pós-orgânico em Paula Sibilia; a estética da reprodutibilidade técnica em Walter Benjamin; a filosofia dos aparelhos em Vilém Flusser; e a crítica ao cinismo ideológico em Slavoj Žižek.

A articulação sinérgica entre esses referenciais bibliográficos de corte livros-fonte permite edificar um aparato hermenêutico multidimensional. Pretende-se demonstrar que a Cultura Pop atua duplamente: tanto como vetor de reprodução do capital cognitivo e da hiperprodutividade neoliberal quanto como laboratório privilegiado para a reinvenção de si e para a afirmação da diversidade humana. A originalidade deste trabalho reside na recusa explícita de qualquer determinismo tecnológico ou otimismo ingênuo, apostando, ao invés disso, na dimensão ético-política da decodificação crítica e na capacidade das pessoas ressignificarem os símbolos de massa a partir de suas experimentações territoriais e existenciais singulares.

Estruturado de forma integradora, o artigo divide-se em seções analíticas encadeadas que aprofundam cada uma dessas dimensões. O primeiro eixo investiga a transição dos dispositivos biopolíticos disciplinares para a sociedade do desempenho e o hiperconsumo da alteridade, confrontando Foucault, Bauman e Han. O segundo eixo aborda a sociedade do espetáculo, o controle algorítmico e a extimidade em Debord, Deleuze e Sibilia. O terceiro eixo analisa a filosofia da imagem técnica e a reprodutibilidade em Benjamin e Flusser. O quarto eixo problematiza o cinismo ideológico e o fetiche da mídia em Žižek. Por fim, as considerações finais promovem um entrecruzamento cirúrgico entre os autores mobilizados, consolidando os resultados e afirmando a urgência de uma leitura crítica da cultura popular contemporânea.

2 DA BIOPOLÍTICA À HIPERCULTURALIDADE: FOUCAULT, BAUMAN E HAN EM DIÁLOGO SOBRE O CAPITALISMO TARDIO

A apreensão das transformações da Cultura Pop na contemporaneidade exige situá-la no cerne das mutações biopolíticas e econômicas que reconfiguraram a produção de subjetividades entre os séculos XX e XXI. Para decodificar o impacto dos ecossistemas digitais e da cultura visual sobre os modos de ser, faz-se indispensável analisar como os mecanismos de controle social migraram das coercitivas instituições disciplinares modernas para estratégias fluidas, sedutoras e interiorizadas de exploração no capitalismo tardio.

Nesta seção, estabelece-se um diálogo crítico entre a genealogia da normalização em Michel Foucault, o diagnóstico da volatilidade social na modernidade líquida de Zygmunt Bauman e a crítica à sociedade do desempenho e à hiperculturalidade em Byung-Chul Han. O objetivo é compreender em que medida a indústria cultural contemporânea deixou de operacionalizar meramente como um tribunal de adestramento corporal para tornar-se uma plataforma de aceleração, auto otimizador e consumo anestésico da alteridade.

2.1 OS DISPOSITIVOS BIOPOLÍTICOS E A PRODUÇÃO DO SUJEITO EM MICHEL FOUCAULT

A análise crítica da cultura de massa ganha profundidade quando articulada à genealogia do poder desenvolvida por Michel Foucault (1999, p. 287-289; 2004, p. 615-619). O autor demonstra que as sociedades ocidentais modernas transitaram de um modelo de poder soberano pautado no direito de vida e de morte para uma gestão biopolítica das populações, viabilizada por dispositivos refinados de disciplinarização e normalização dos corpos. A norma converteu-se no grande vetor ordenador da vida social, demarcando as fronteiras entre o adaptado e o desviante, o produtivo e o inútil.

As instituições da modernidade sólida (escolas, hospitais, fábricas e presídios) atuavam precipuamente através de anatomo-políticas, impulsionando a docilização dos corpos por meio da vigilância Panóptica, de rotinas estáticas e do exame ininterrupto. O sujeito disciplinar na cosmovisão do

autor, era moldado sob a gramática do "dever" e da interdição negativa ("não podes"). Contudo, em suas reflexões derradeiras, identificou-se que o poder não se reduz ao assujeitamento coercitivo: a pessoa também é constituída por meio de "práticas de si" ou "cuidado de si", um complexo de procedimentos voluntários e éticos pelos quais a pessoa busca transformar seu próprio modo de ser.

Transpondo esse aparato teórico para a Cultura Pop, percebe-se que as narrativas visuais contemporâneas operacionalizam como pujantes dispositivos biopolíticos de subjetivação. A cultura de massa não apenas impõe padrões de conduta, mas ensina a desejar, a sentir e a estilizar a própria existência. Quando as mídias de massa exibem corpos ideais, performances de sucesso e estéticas padronizadas, elas reeditam a norma biopolítica sob a roupagem da escolha pessoal. A questão ética que se coloca é identificar quando o consumo da Cultura Pop reafirma o adestramento normativo e quando abre margem para o exercício autêntico do cuidado de si como resistência.

2.2 MODERNIDADE LÍQUIDA E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES EM ZYGMUNT BAUMAN

Se a análise foucaultiana ilumina as anatomias e biopolíticas do poder, a sociologia de Zygmunt Bauman (2001); (2008), revela como o tecido social contemporâneo foi desorganizado pela aceleração do capital. Desta forma o autor descreve a transição de uma "modernidade sólida" ancorada em instituições duráveis, compromissos comunitários de longo prazo e produção industrial para uma "modernidade líquida", caracterizada pela extrema volatilidade, individualismo exacerbado e hegemonia absoluta do mercado de consumo.

Na sociedade de consumidores teorizada por Bauman (2008, p.74-78), o valor ontológico do indivíduo é medido quase exclusivamente por sua capacidade de atuar como comprador ativo e de descartar objetos, ideias, símbolos e inter-relações com rapidez vertiginosa. Os vínculos humanos tornam-se fragilizados e precarizados, enquanto as identidades são transformadas em bens de consumo de rápida obsolescência. As pessoas incapazes de acompanhar o ritmo do consumo acelerado seja por vulnerabilidade socioeconômica, seja por barreiras funcionais são categorizadas como "consumidores falhos" e empurradas para as margens do descarte social.

Nesse contexto líquido, a Cultura Pop ganha uma função ambivalente. Ela fornece a matéria-prima simbólica com a qual as pessoas tentam estampar suas identidades voláteis. Os produtos de massa (filmes, mercadorias culturais, estilos de vida exibidos por influenciadores virtuais), funcionam como próteses estéticas para aplacar o medo da exclusão. No entanto, quando impregnada pela lógica da liquidez, a própria cultura é reduzida a um bem descartável de entretenimento instantâneo, minando a paciência reflexiva indispensável para a edificação de laços comunitários sólidos e para a crítica das desigualdades estruturais.

2.3 A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E A HIPERCULTURALIDADE EM BYUNG-CHUL HAN

O diagnóstico das patologias do capitalismo tardio atinge seu ponto mais incisivo na filosofia de Byung-Chul Han (2017; 2019). Han postula que a sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar de Foucault, mas a sociedade do desempenho. A coerção externa e a interdição negativa (não podes) deram lugar ao excesso de positividade e ao imperativo sedutor do (você pode). A pessoa contemporânea deixa de ser uma "pessoa de obediência" para tornar-se de desempenho" um empreendedor de si mesmo que se explora voluntariamente sob a ilusão de liberdade.

Essa autoexploração otimizada desemboca na exaustão psíquica, na depressão e no burnout. Na seara da cultura, Han (2019, p. 19-21) introduz o conceito de hiperculturalidade para descrever o espaço desterritorializado e hiperconectado no qual as tradições culturais são despojadas de sua memória histórica e de sua negatividade, isto é, de seu potencial de confronto, estranhamento e ruptura política. Na era da hiperculturalidade, as mídias digitais e a Cultura Pop transformam a diversidade em um supermercado de estilos de vida, onde a alteridade é consumida como uma mercadoria palatável, pacificada e sem atrito.

A cooptação da diferença pela indústria cultural contemporânea operacionaliza precisamente através dessa positividade tóxica. A exibição de corpos diversos e causas sociais na Cultura Pop atende, frequentemente, à demanda do capital por atenção e novidade mercadológica. Contudo, quando a alteridade é despojada de sua densidade crítica e assimilada como mero estilo de consumo, a Cultura Pop corre o risco de anestesiar a consciência política. A tarefa da crítica teórica consiste em desmascarar essa hiperculturalidade sem atrito, resgatando a dimensão conflituosa e verdadeiramente emancipatória da diversidade cultural.

3 DA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO AO SHOW DO EU: DEBORD, DELEUZE E SIBILIA EM DIÁLOGO SOBRE O CONTROLE DIGITAL

A apreensão das transformações da Cultura Pop no capitalismo tardio exige investigar como a imagem deixou de ser um mero reflexo da realidade para converter-se no principal operador de mediação social e controle biopolítico. Se as instituições da modernidade sólida descritas preambularmente pautavam-se pelo confinamento e pela vigilância disciplinar, a cultura contemporânea organiza-se pela exibição contínua, pela sedução midiática e pelo consumo acelerado das subjetividades.

Nesta seção, estabelece-se um diálogo aguçado de criticidade entre a teoria do espetáculo de Guy Debord , a diagnose das sociedades de controle de Gilles Deleuze e a análise da espetacularização da intimidade desenvolvida por Paula Sibilia. O objetivo é decodificar como os artefatos da Cultura Pop e os dispositivos digitais reconfiguraram a produção da identidade, transformando a própria existência em um espetáculo mercadológico.

3.1 A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E A REIFICAÇÃO DA IMAGEM EM GUY DEBORD

A crítica à cultura de massa ganha contornos ontológicos na reflexão pioneira de Guy Debord (1997, p. 14–16), postula que nas condições do capitalismo moderno, a vida social não se apresenta mais como a vivência direta dos fatos, mas como uma imensa acumulação de espetáculos. Desta forma o espetáculo não é um mero conjunto de imagens ou uma distração mídica passageira, mas uma inter-relação social entre pessoas, mediada por imagens.

Debord (1997, p. 18) mapeia a degradação histórica do ser para o ter, e deste para o parecer. Na sociedade espetacular, a realidade concreta é expropriada e substituída por suas representações visuais. A mercadoria atinge o estágio de ocupação total da vida social, no qual o consumo de signos e estéticas se sobrepõe à experiência existencial autêntica. A Cultura Pop, sob essa perspectiva, atua como o cerne do espetáculo: ela fornece os modelos visuais e narrativos que ensinam as pessoas a contemplarem passivamente a própria alienação, celebrando as lógicas do capital sob a ilusão da escolha estética.

A atualidade do pensamento frente a afirmação do autor reside em demonstrar que a imagem pop não é inofensiva. Ao converter os conflitos políticos e as identidades em espetáculo consumível, a indústria cultural neutraliza o potencial de ressignificação social. O espetáculo unifica o mundo na passividade do olhar, exigindo uma adesão acrítica onde o que aparece é bom, e o que é bom aparece.

3.2 SOCIEDADES DE CONTROLE E A SUBJETIVAÇÃO EM GILLES DELEUZE

A transição dos mecanismos de dominação espetacular para a era digital é iluminada pelo pensamento de Gilles Deleuze (1992, p.216 – 219) diagnostica a crise das instituições de confinamento foucaultianas (escolas, hospitais, fábricas) e a emergência das sociedades de controle. Enquanto a sociedade disciplinar operacionalizava por moldes rígidos e descontínuos, passava-se da família à escola, da escola à fábrica, a sociedade de controle funciona em ambiente aberto, por meio de modulações contínuas e fluxos ininterruptos de informação.

Na sociedade de controle, o poder não necessita da barreira física para disciplinar; ele efetiva-se pela conectividade constante, pelo rastreamento algorítmico e pela motivação da auto-otimização. O indivíduo deixa de ser o a pessoa disciplinada para tornar-se um(a) divíduo, isto é, um dado quantificável em redes de consumo e circulação. Deleuze (1992, p. 221-222), destaca que o controle se exerce através do marketing e da modulação do desejo, onde a pessoa é mantida em permanente estado de dívida e formação continuada.

Transpondo essa diagnose para a Cultura Pop contemporânea, percebe-se que as plataformas digitais de streaming, os jogos em rede e os algoritmos de recomendação funcionam como modulações de controle contínuo. O consumo cultural deixa de ser um evento pontual para tornar-se um fluxo ininterrupto, no qual

as escolhas da pessoa usuária são antecipadas e moldadas pelos programas do capital cognitivo, desafiando as possibilidades de autonomia e criação singular.

3.3 O SHOW DO EU E A TIRANIA DA VISIBILIDADE: PAULA SIBILIA E A ESPETACULARIZAÇÃO DA INTIMIDADE

A compreensão das multifacetas da Cultura Pop e das dinâmicas de subjetivação contemporâneas atinge um ponto de reflexão crucial nas investigações da antropóloga e ensaísta de Paula Sibilia, especialmente em suas obras referenciais O Show do Eu: a intimidade como espetáculo (2008) e O Homem Pós-Orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais (2002). Sibilia debruça-se sobre a mutação histórica da interioridade psicológica moderna para o que a autora conceitua como "extimidade" o imperativo de expor, tornar visível e espetacularizar a vida privada no ecossistema das mídias digitais e da cultura visual de massa.

Sibilia (2008, p.31-36) argumenta que o sujeito da modernidade tradicional (séculos XIX e meados do XX) edificava sua identidade no recolhimento, no diário íntimo guardado sob chave, na introspeção e no espaço privado da casa e da biblioteca. No entanto, com o advento da cibercultura e a consolidação dos artefatos da Cultura Pop digital, ocorreu um deslocamento ontológico: a intimidade deixou de ser um refúgio secreto para tornar-se a própria matéria-prima de exibição pública. A nova máxima que rege as sociabilidades contemporâneas não é mais a cartesiana (penso, logo existo), mas sim o axioma mediático "exibo-me, logo existo".

Nesse cenário, a Cultura Pop e os dispositivos de rede incitam as pessoas a converterem suas trajetórias cotidianas em um contínuo show do eu. Através de redes sociais, *stories*, autoficções visuais e biografias performáticas, as pessoas passam a atuar como diretor, cenógrafo e protagonista de sua própria narrativa espetacularizada. A identidade deixa de ser sentida como uma essência interna para ser construída como uma imagem-vitrine ou uma marca (*personal branding*) negociada no mercado de atenções. A visibilidade ergue-se como uma exigência moral: ser invisível nos ecossistemas digitais equivale a uma forma sutil de inexistência social.

De forma seguinte Sibilia (2002, p. 10 -13) aprofunda essa diagnose ao examinar as alianças entre o capital tardio, a tecnociência e a estética de massa. A Cultura Pop impregnada de ficções científicas, super-heróis e corpos otimizados difunde o mito do corpo pós-orgânico: uma estrutura biológica imperfeita que deve ser ininterruptamente corrigida, desacelerada, estilizada e superada por próteses técnicas, intervenções estéticas e performances de alta eficiência. O corpo converte-se em um rascunho modificável, submetido à tirania do alto rendimento e à exibição impecável.

A contribuição de Paula Sibilia para a crítica da Cultura Pop, reside em demonstrar que a espetacularização da intimidade não é uma simples escolha narcisista individual, mas o resultado de uma

mutação biopolítica refinada. A indústria cultural contemporânea estimula o show do eu, porque a intimidade mercantilizada gera dados, engajamento e capital. Contudo, essa compulsão por visibilidade e pela estetização ininterrupta da vida cobra um valor psíquico elevado, gerando solidão, ansiedade e a erosão do silêncio reflexivo indispensável à construção da autonomia crítica.

4 FILOSOFIA DA IMAGEM E ESTÉTICA DA MÍDIA: WALTER BENJAMIN E VILÉM FLUSSER

A compreensão das multifacetas da Cultura Pop exige também um escrutínio sobre a própria natureza dos artefatos técnicos e das imagens produzidas pela indústria da mídia. Não basta analisar os discursos veiculados nas telas; faz-se imperioso interrogar como os aparelhos tecnológicos alteram a percepção sensorial, a memória histórica e a capacidade de ação política das pessoas.

Nesta seção, promove-se um confronto teórico entre a estética materialista de Walter Benjamin (Magia e Técnica, Arte e Política, 1987) e a filosofia dos aparelhos de Vilém Flusse (Para uma Filosofia da Fotografia, 2015). O objetivo é examinar a ambivalência da reprodutibilidade técnica e o risco de a pessoa converter-se em mero funcionário dos programas midiáticos da Cultura Pop.

4.1 A PERDA DA AURA E A POLITIZAÇÃO DA ARTE EM WALTER BENJAMIN

Em seu ensaio clássico sobre a reprodutibilidade técnica, Walter Benjamin (1987, p. 170-171) diagnostica uma mutação irreversível na experiência estética da modernidade. Com a emergência da fotografia e do cinema matrizes históricas da Cultura Pop moderna, a obra de arte perde a sua aura, entendida como a manifestação irrepetível de uma lonjura, a sua singularidade ritualística e o seu valor de culto tradicional.

Longe de lamentar nostalgicamente a ruína da aura, Benjamin (1987, p. 188-191) identifica o potencial emancipatório e democrático contido nessa transformação. Ao ser libertada do casulo ritualístico e da exclusão elitista, a arte passa a ter como fundamento a práxis política. A reprodutibilidade técnica permite que as massas acessem, interpretem e se apropriem dos produtos culturais, transformando a pessoa espectadora passiva em crítico potencial. O cinema, por sua capacidade de choque visual e desaceleração/aceleração da percepção, altera a percepção apurada do cotidiano, permitindo desvelar as estruturas da realidade.

Na contemporaneidade da Cultura Pop, a tese do autor permanece viva: a proliferação massiva de imagens e artefatos digitais pode servir tanto à fascistização da política (pela estetização do espetáculo) quanto à politização da estética (quando as massas se apropriam das mídias para produzir contranarrativas). A Cultura Pop carrega essa ambivalência originária: é a arena onde o choque estético pode despertar a consciência crítica ou anestesiá-la na rotina do entretenimento.

4.2 A SOCIEDADE DOS APARELHOS E A IMAGEM TÉCNICA EM VILÉM FLUSSER

Se Benjamin vislumbrava o potencial crítico da imagem técnica, Vilém Flusser (2015), lança um alerta contundente sobre os perigos da automação ideológica na era dos aparelhos. Flusser estabelece uma distinção fundamental entre as imagens tradicionais produzidas pelo olhar humano direto sobre o mundo e as imagens técnicas, sintetizadas por aparelhos a partir de conceitos e programas predeterminados.

Para Flusser (2015, p. 22 – 24), o aparelho é um dispositivo cujo programa é incomparavelmente mais complexo e denso do que a intenção do próprio operador humano. Na sociedade dominada pela mídia e pela Cultura Pop digital, as pessoas imaginam estar criando ou escolhendo livremente suas produções estéticas quando, na realidade, estão apenas exaurindo as combinações já previstas e pré-programadas pela máquina cultural. Sendo assim a pessoa corre o risco contínuo de converter-se em um mero funcionário do aparelho, cuja ação se reduz a acionar comandos e alimentar o fluxo ininterrupto de dados dos ecossistemas virtuais.

Essa crítica desmistifica a ilusão de autonomia e autoria nas redes digitais. Quando pessoas consomem e reproduzem estéticas virais ou tendências em plataformas virtuais, frequentemente estão apenas executando a lógica dos algoritmos do capital. Superar a tirania do aparelho exige, portanto, uma postura de decodificação radical: jogar contra o programa, desnudando suas engrenagens invisíveis e reinventando o uso das imagens técnicas como atos autênticos de liberdade e criação não programada.

5 IDEOLOGIA, CINISMO E DESEJO NA CULTURA MIDIÁTICA: A TEORIA CRÍTICA DA MÍDIA

A incorporação sistemática das manifestações da Cultura Pop no tecido social contemporâneo coloca em xeque as concepções tradicionais sobre ideologia e alienação. Na era da hiperconectividade e do excesso de informação, a dominação ideológica não operacionaliza mais pela simples "falsa consciência" ou pela ignorância ingênua dos sujeitos em relação às contradições do capitalismo.

Nesta seção, mobiliza-se a inflexão psicanalítica da teoria crítica para examinar as engrenagens do cinismo ideológico na cultura mídica. Analisa-se como o consumo das mídias de massa articula o desejo, a ilusão e a estrutura da fantasia na reprodução e manutenção das relações de poder na contemporaneidade.

Na contemporaneidade, a mecânica da alienação passa por uma profunda reformulação conceitual. Se a fórmula marxista clássica definia a ilusão ideológica pelo preceito "eles não sabem o que fazem, mas o fazem", a fórmula que rege a cultura pós-moderna opera sob a lógica do cinismo: "eles sabem muito bem o que fazem, mas continuam a fazê-lo", ŽIŽEK (2024). A pessoa contemporânea não é ingênua; ele reconhece a exploração econômica, sabe que as produções da cultura mídica são mercadorias estandardizadas pela indústria cultural e identifica com clareza os apelos do consumo. Contudo, em suas práticas cotidianas, esse mesmo sujeito continua agindo como se desconhecesse tais estruturas.

Essa dinâmica revela que a ideologia não habita o campo do conhecimento teórico ou da crença consciente, mas a dimensão da fantasia inconsciente que estrutura a própria percepção da realidade ŽIŽEK (2003; 2024). A Cultura Pop atua, precisamente, como um sofisticado dispositivo de fabricação de fantasias. Filmes de super-heróis, narrativas distópicas de grande bilheteria e estéticas digitais virais fornecem a compensação simbólica necessária para as frustrações da subjetividade fragmentada. A cultura de massa possibilita as pessoas vivenciarem, na esfera ficcional, a crítica ao sistema ou a realização subjetiva do desejo, garantindo que, na vida concreta, ele permaneça submetido passivamente às exigências da produção e do mercado.

O mecanismo do distanciamento cínico, permite inclusive que a indústria cultural comercialize a própria rebeldia anticapitalista ou as pautas de emancipação como produtos de consumo hedonista. Ao adquirir um artefato pop ou engajar-se em uma narrativa contestatória dentro da rede, cada pessoa experiencia a sensação ilusória de ter cumprido seu papel crítico, desquitando-se de sua responsabilidade política efetiva. Superar essa paralisia exige desvelar a arquitetura da fantasia que sustenta o cinismo contemporâneo, ultrapassando o fascínio da superfície mídica para restaurar a dimensão do ato político transformador nas práticas educativas e sociais.

6 CONCLUSÃO

Ao término desta extensa e densa investigação teórico-conceitual sobre as multifacetas da Cultura Pop na contemporaneidade, impõe-se a realização de uma síntese integradora na qual as diversas matrizes filosóficas, sociológicas e antropológicas mobilizadas entrem em um diálogo cirúrgico e conclusivo. A tese fundamental sustentada ao longo deste estudo reafirma que a Cultura Pop não pode ser reduzida nem a um mero apêndice alienante e monológico da indústria cultural, nem a uma panaceia emancipatória em si mesma. Pelo contrário, ela constitui uma arena contingente e viva de disputa por hegemonia discursiva, um campo de forças no qual estratégias refinadas de assujeitamento e poéticas de resistência colidem ininterruptamente na vida social e educacional.

A articulação entre os referenciais teóricos contemporâneos permitiu mapear as engrenagens de controle e as brechas de libertação que perpassam a cultura de massa. Através de Michel Foucault, compreendeu-se a necessidade de analisar a cultura visual como um dispositivo biopolítico que atua sobre a normalização dos corpos, ao mesmo tempo em que se identificou no espaço mídico a possibilidade de emergência de práticas de si e de uma estilização ética da existência. Zygmunt Bauman, evidenciou os riscos de a cultura ser tragada pela liquidez dos laços e pela lógica da obsolescência mercantil, empurrando os sujeitos para a condição de consumidores de identidades efêmeras. Byung-Chul Han adensou essa crítica ao alertar para a sociedade do desempenho e para a armadilha da "hiperculturalidade", na qual a diversidade

é despojada de sua negatividade e assimilada como uma mercadoria pacificada e sem atrito pelo capitalismo tardio.

No plano das mediações visuais e da sociedade do espetáculo, a contribuição de Guy Debord revelou como a imagem reificou as relações humanas, transformando o ser em parecer, enquanto Gilles Deleuze, demonstrou que as plataformas digitais da Cultura Pop operacionalizam como modulações contínuas de uma sociedade de controle algorítmico e ilimitado. Paula Sibilia, sintetizou brilhantemente essas dinâmicas ao conceituar o show do eu e a extimidade, desnudando a tirania da visibilidade e a obsessão pela performance do corpo pós-orgânico nas redes sociais. Para além da crítica aos dispositivos de controle, o diálogo com a filosofia da imagem de Walter Benjamin resgatou a ambivalência democrática da reprodutibilidade técnica, contraposta ao alerta de Vilém Flusser sobre o risco de o ser humano tornar-se um mero funcionário(a) dos programas invisíveis. Por fim, Slavoj Žižek desvelou o cinismo ideológico que sustenta o consumo mídico contemporâneo, no qual a pessoa consome fantasias industriais para sustentar passivamente a ordem estabelecida.

Conclui-se, portanto, que a atuação crítica diante da Cultura Pop exige a formação de uma postura reflexiva, capaz de efetivar-se como decodificadora e tradutora cultural. A crítica à cultura de massa não deve conduzir a um repúdio elitista ou a um isolamento nostálgico, mas sim à reintrodução do atrito crítico na recepção das imagens. A Cultura Pop torna-se autenticamente emancipatória quando as pessoas deixam de ser meros espectadores e funcionários dos aparelhos para se tornarem inventores de contranarrativas, desestruturando os discursos preconceituosos e reeditando as imagens técnicas em favor da cidadania, do pensamento autônomo e da afirmação inalienável da diversidade humana.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 1).

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**: 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FLUSSER, Vilém. **Para una filosofía de la fotografía**. Traducción: Mariana Dimópulos. Buenos Aires: La Marca Editora, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso no Collège de France (1981-1982). Tradução de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. Tradução de Gabriel Salvi. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KLEMZ, Charles. **A diversidade humana nas redes sociais digitais**: um estudo a partir da teologia. Veranópolis, RS: Diálogo Freiriano, 2025.

KLEMZ, Charles. **O rosto de Cristo na diversidade humana das redes sociais digitais**. 2023. 177 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, RS, 2023.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do Real!**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. **O sublime objeto da ideologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.